

# Da direção da cura às incidências políticas do discurso psicanalítico<sup>1</sup>

---

Sidi Askofaré  
Tradução de Cícero Oliveira

## Resumo

O presente trabalho aborda a política na psicanálise, considerando, de saída, a questão pelo prisma da política do psicanalista, que está do lado da interpretação. O autor afirma que essa política se refere também à cidade, à civilização e à cultura. Abordam-se os limites encontrados pela reconquista do campo freudiano, principalmente mediante as incidências do neoliberalismo no campo das práticas de cuidado, das representações do terapêutico, do bem-estar e no campo cultural. Por fim, destaca-se a importância do discurso analítico tanto em sua prática quanto em sua transmissão.

## Palavras-chave:

Política; Psicanálise; Discurso do psicanalista; Desejo do analista.

## From the direction of the treatment to political incidences of the psychoanalytic discourse

## Abstract

The present paper discusses politics in psychoanalysis considering, initially, the issue from the perspective of the psychoanalyst's policy, which is on the side of interpretation. The author states that this policy also refers to the city, civilization and culture. The limits found by the regain of the Freudian field are approached, mainly through the incidences of neoliberalism in the field of care practices, representations of the therapeutic, well-being and in the cultural field. Finally, it highlights the importance of the analytical discourse both in its practice and in its transmission.

## Keywords:

Politics; Psychoanalysis; Psychoanalyst discourse; Analyst's desire.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado em São Paulo, por ocasião do XIX Encontro Nacional da EPFCL-Brasil, em novembro de 2018.

## **De la dirección de la cura a las incidencias políticas del discurso psicoanalítico**

### **Resumen**

El presente trabajo bordea la cuestión política en psicoanálisis considerando, de entrada, la cuestión desde la perspectiva de la política del psicoanalista, que está del lado de la interpretación. El autor afirma que esta política también se refiere a la ciudad, a la civilización y a la cultura. Se abordan los límites encontrados por la reconquista del campo freudiano, principalmente a través de las incidencias del neoliberalismo en el campo de las prácticas asistenciales, representaciones de lo terapéutico, del bienestar y en el campo cultural. Finalmente, destaca la importancia del discurso analítico tanto en su práctica como en su transmisión.

### **Palabras clave:**

Política; Psicoanálisis; Discurso del psicoanalista; Deseo del analista.

## **De la direction de la cure aux incidences politiques du discours psychanalytique**

### **Résumé**

Ce travail aborde la politique de la psychanalyse en considérant cette question sous l'angle de la politique du psychanalyste, qui est du côté de l'interprétation. L'auteur déclare que cette politique fait également référence à la ville, à la civilisation et à la culture. Les limites trouvées par la reconquête du champ freudien y sont abordées notamment à travers les incidences du néolibéralisme dans le champ des pratiques de soins, des représentations thérapeutiques, du bien-être et dans le champ culturel. Enfin, on souligne l'importance du discours analytique tant dans sa pratique que dans sa transmission.

### **Mots-clés:**

Politique; Psychanalyse; Discours du psychanalyste; Désir de l'analyste.

É pouco dizer que a psicanálise e a política mantêm relações complexas. E isso, em todos os planos: teórico, clínico, institucional. Quanto a isso, há razões de estrutura que seriam longas demais para serem exploradas e desdobradas aqui.

Se deixo de lado o que poderia se sustentar daí a partir de Freud, para não sobrecarregar inutilmente minhas palavras, partiria desta constatação: foi preciso tempo para que o próprio significante “política” adviesse sob a pena de Lacan. Mas é notável que esse advento não tenha acontecido em um lugar qualquer, uma vez que se trata de seu Relatório de 1958 para o Congresso Internacional de Royaumont, que inspirou o título desta plenária — “A direção da cura e os princípios de seu poder”.

A política, no entanto, não advém ali como um conceito ou um objeto teórico do qual a psicanálise supostamente depreende a estrutura ou a função, ou mesmo como um dispositivo empírico dentro do qual ela deve tomar posição. Não, a política é convocada ali como a figura específica daquilo que Lacan chama não de política da psicanálise, mas de política do psicanalista. Parece não ser nada, mas atribuo uma grande importância ao que é, a meu ver, mais do que uma nuance.

É essa política do psicanalista, portanto, que Lacan propõe, opondo-a à sua tática, por um lado, e à sua estratégia, por outro. Ou seja, do lugar de “maior liberdade”, sua tática — momento, número e escolha de suas intervenções —, para aquele em que ele é o mais constrangido, sua política, passando pelo lugar geométrico que determina essa política — a transferência que lhe atribuí as figuras do Outro que ele encarnará para seu paciente: sua estratégia.

Daí se infere que sua política, a política do analista, deve ser situada do lado da interpretação. Diria ainda mais: ela situa a política da psicanálise em si como uma política da interpretação, em que se exhibe o ponto no qual a política e a ética se enodam na psicanálise.

Essa política, essa poliética da interpretação, ousemos, é preciso dizer, não deve se limitar à psicanálise em intensão, por também dizer respeito à cidade, à cultura, à civilização. Com efeito, não é inocentemente que Lacan tenha falado, outrora, de uma “expansão do ato”. “Expansão do ato” que se situa bem além da extensão do discurso analítico.

É nesse ponto que se situa, que eu situo, a questão da política e das incidências políticas da psicanálise.

Aqui, um pequeno recuo se faz necessário. Pode-se considerar que Freud primeiro se esforçou em garantir a autonomia da psicanálise como uma disciplina *sui generis*, especialmente aos olhos da medicina, da religião, da filosofia e da psicologia: promoção de um conceito do inconsciente irreduzível a qualquer outro, o inconsciente freudiano; promoção da análise laica para combater a medicalização de sua invenção; afirmação da solidariedade da psicanálise com a *Weltanschauung* científica para subtrair a psicanálise de sua recuperação pela religião.

Em um segundo tempo, Freud tomou para si, no plano institucional, a IPA [sigla em inglês para Associação Internacional de *Psicanálise*] para assegurar a transmissão da psicanálise. Ora, foi ali que se revelou que ele estava enganado em sua concepção da política da psicanálise pela escolha de um modo de funcionamento institucional que procedia da psicologia coletiva (Exército, Igreja, família) e, portanto, principalmente do discurso do mestre.

Não há necessidade aqui de lembrar as consequências dessa última escolha, que conduziu, senão ao desaparecimento da psicanálise, em todo caso, a seu enfraquecimento tanto epistêmico quanto cultural. Daí a operação lacaniana da conquista do campo freudiano.

Para permanecer na linha de raciocínio de minha proposta, diria que, por seu “retorno a Freud”, o desenvolvimento de seu ensino e suas invenções institucionais (cartéis, Escola, passe), Lacan restaurou o fio cortante da descoberta freudiana do inconsciente, promoveu o “desejo do analista” como operador de quem a experiência depende, sua efetuação e a produção de novos analistas.

No entanto, há pelo menos duas décadas, essa reconquista do campo freudiano vem encontrando limites, principalmente mediante as incidências do neoliberalismo no campo das práticas de cuidado, das representações do terapêutico e do bem-estar e, ademais, no próprio campo cultural.

O diagnóstico pode ser feito com bastante facilidade.

No plano epistêmico, notamos a ascensão e a dominação das concepções teóricas que naturalizam ou “maquinizam” o espírito e até mesmo o econômico e o social (da filosofia da mente às neurociências). Foi assim, por exemplo, que o DSM se tornou a bíblia dos pesquisadores em psicopatologia e o cognitivo-comportamentalismo, a norma para o tratamento do que hoje se considera apenas como transtornos ou deficiências psíquicas.

No plano das práticas de cuidado, observa-se a escolha — algumas vezes incluindo autoridades políticas, mediante o *lobbying* de associações de pais de pacientes — dos métodos dessubjetivantes, comportamentalistas e reeducativos. Recentemente, atingimos um ápice na França: a proibição — estou dizendo a proibição —, por parte das autoridades nacionais de saúde, sob os auspícios do ministro da Saúde, de qualquer acompanhamento de sujeitos autistas por profissionais de orientação psicanalítica!

Psicanalistas, encontramos-nos, desde já, portanto, em uma situação análoga à de “herói” do romance *Extensão do campo de luta*, de Michel Houellebecq (2011), diante da extensão do campo de luta (de classes). Não temos mais escolha, aparentemente, a não ser entre duas opções. Ou endossar a derrota de uma psicanálise diante do cientificismo e do discurso capitalista, o que pode levar, e já levou em alguns lugares, a uma renúncia ao caráter subversivo da psicanálise e,

consequentemente, a aceitar sua degradação e absorção pela medicina e pela psicologia. Nessa hipótese, a psicanálise não seria mais do que uma terapêutica como qualquer outra no grande mercado das psicoterapias.

No plano epistêmico, essa escolha levaria a uma renúncia ao inconsciente freudiano, com todas as consequências desse abandono na concepção que se tem de um sujeito e de seu funcionamento psíquico.

No plano cultural, essa escolha implica o consentimento de que a psicanálise não tem nada a trazer de novo e específico ao laço social e constitui uma contribuição considerável não apenas para explicar os motivos, mas para combater os grandes flagelos que ameaçam a diferença, a singularidade e o desejo, e até mesmo as condições de uma vida digna: as discriminações, sexuais e raciais, os questionamentos da democracia, a multiplicação dos ataques contra as mulheres, as crianças, os homossexuais e os imigrantes, o que, no fundo, não é nada além do que um processo de erradicação da verdade, do *heteros*, do sintoma.

O conjunto dessas considerações desenha, como podemos ver, o quadro clínico de uma psicanálise depressiva, quiçá melancólica, assim como há pouco ela foi representada por alguns partidários de um pós-lacanismo cuja essência não é, basicamente, nada além do que uma capitulação diante dos ataques teóricos e clínicos empreendidos contra a psicanálise.

Por outro lado, há outra escolha, ao menos na França, que consistiu em um movimento inverso de retraimento por parte de alguns analistas, de enclausuramento em suas associações, de enrijecimento tanto teórico quanto prático, beirando o que para outros discursos às vezes chamamos de uma radicalização, uma retirada sectária. Como se estivesse se instaurando uma reação imaginária defensiva que fazia com que a psicanálise devesse reagir à sua rejeição pelo discurso ambiental por sua própria autoexclusão do mundo determinado por esse discurso.

E é claro que é aí que tocamos o ponto central em torno do qual devemos mobilizar nossas inteligências.

Um dos grandes méritos da intervenção de Lacan no campo da psicanálise foi certamente regenerar sua doutrina e sua prática, primeiro por seu retorno a Freud, depois por sua crítica ao que, em Freud, podia se opor à lógica e à ética do discurso psicanalítico. Mas foi também por meio da atualização e da tematização do “desejo do psicanalista” e pela invenção do procedimento *ad hoc* concebido para assegurar a verificação junto a quem se autoriza à passagem a analista.

No momento histórico em que vivemos, parece-me que somos confrontados com a seguinte constatação: o trabalho doutrinário e os investimentos institucionais que recaíram sobre o desejo do analista e o passe, por mais importantes que sejam, estão atingindo seus limites. E, ao atingir esses limites, sua função motriz na propagação do discurso analítico também é afetada. A razão é simples.

É que o desejo do analista, assim como o passe, o dispositivo do passe supostamente o extrai e o põe para funcionar dentro da comunidade de Escola, está centrado na análise em *intensão*. Desse ponto de vista, enquanto houver análise, a questão do desejo do analista e, portanto, o dispositivo de sua atualização devem permanecer ativos.

No entanto, esse diagnóstico é mais do que uma questão, é a definição de uma nova tarefa que, coletivamente, somos convidados a assegurar e a assumir, tendo em vista a expansão da psicanálise, a fim de que respondamos ao que é também nossa responsabilidade como analistas, a saber, interpretar, para desvalorizar os prazeres induzidos e nutridos pelo “discurso pestilento”.

Concluo.

Se Freud descobriu o inconsciente e inventou a psicanálise — que permaneceu freudiana ao menos no que diz respeito a seus dois pilares: associação livre e interpretação —, coube a Jacques Lacan ter promovido a categoria de discurso do analista.

Não seria nada, ou muito pouco, se o “discurso do analista” fosse apenas um sinônimo vulgar do termo psicanálise. Com efeito, essa nomeação, devida a Lacan, acarreta consequências tão consideráveis e produz tamanhas mudanças conceituais e práticas que abrirão um segundo caminho para aqueles que não se sentem responsáveis senão pela ex-sistência do inconsciente no mundo. Convém, com efeito, que eles também se sintam responsáveis pelos ensinamentos da psicanálise e pelo mundo em que praticam e, eventualmente, transmitem a psicanálise.

## Referência bibliográfica

Houellebecq, M. (2011). *Extensão do domínio da luta*. Porto Alegre: Sulina.

**Recebido:** 21/10/2020

**Aprovado:** 21/10/2020